A PRODUÇÃO DO GOSTO LITERÁRIO MEDIANO E A LEITURA COMO EQUIPAGEM NA ERA DIGITAL

Milva Alves Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7465-577X
Endereço eletrônico: milvatn1@gmail.com

Palavras-chave: *Booktok*; leitura como equipagem; leitor jovem; letramentos multimodais.

INTRODUÇÃO

A mudança, e não a estabilidade, é o que dá sentido à leitura como uma das maiores criações humanas. No presente, essa natureza mutável é atravessada por racionalidades que não renunciam por completo ao passado, e ainda assim, remodelam práticas letradas tradicionais. Operando sob uma lógica algorítmica, as mudanças em curso afetam a relação do leitor com o escrito, repercutindo na mídia. Esta, por seu lado, anuncia uma inesperada convergência entre a linguagem das telas e o livro impresso, alavancada pela plataforma *BookTok:* nicho literário da rede social *TikTok*. É nessa encruzilhada enunciativa entre o digital e o analógico que esta investigação problematiza como a "febre" dos vídeos curtos movimenta os temas da leitura e analisa esse diagnóstico à luz de noções relativas ao discurso.

Sob o manto da democratização da prática leitora, algoritmos passaram a operar na regulação dos modos de circulação, consumo e apropriação do livro (Machado, 2024). No bojo dessa dinâmica, já não é possível ignorar os efeitos da economia de conteúdos acelerados sobre a subjetividade leitora, realidade que demanda contínua suspeição analítica. Esse cuidado metodológico ampara o objetivo desta pesquisa: mapear as forças e técnicas que sustentam a emergência do leitor visível e a produção do gosto literário mediano submetido à lógica algorítmica, contrapondo a esse paradigma mercadológico a potência formativa da leitura como equipagem existencial e prática emancipatória no espaço escolar.

Conceitualmente, são mobilizadas noções foucaultianas como sujeito, discurso e

dispositivo. Para esse filósofo, o discurso define os objetos de que fala e constitui o sujeito a partir da posição ocupada pelo indivíduo na trama discursiva. Já os dispositivos operam na regulação dos discursos como uma rede heterogênea de elementos ditos e não ditos que respondem a uma urgência histórica, definindo posições que o sujeito pode ocupar (Foucault, 2008a). Entretanto, Bauman (2021) afirma que os dispositivos já não funcionam como na sociedade disciplinar, pois esta transita do controle sólido à liquidez das regras, segundo as quais os corpos são seduzidos por padrões flexíveis entre a coerção e a liberdade. A essa remodelada estratégia de poder articula-se a analítica de Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo, na qual as relações vividas são substituídas por representações imagéticas, convertendo a experiência social em consumo passivo de visibilidades.

Abrigado nesse arco de teorizações, o leitor visível é impelido pela governamentalidade neoliberal a operar como *homo economicus*: um empresário de si encarregado de otimizar seu capital humano e espetacularizar sua existência (Foucault, 2008b; Debord, 1997). Diante dessa dinâmica de acelerada transformação mercadológica dos temas da leitura e, em vista de suas imposições, aciona-se o sistema de freios e contrapesos da leitura como exercício de si, centrada no cuidado de si e do outro. Nessa visada, a prática leitora constitui-se como ginástica do pensamento e assimilação de verdades capazes de amparar o sujeito nas contingências do mundo (Bauman, 2021; Foucault, 2010).

Dessa abordagem filosófica nasce o conceito de equipagem, cujas raízes remontam à Antiguidade Greco-Romana. O alcance da leitura assim compreendida encontra reforço na defesa de Freire (2014) sobre a leitura da palavra e do mundo como prática da liberdade e complemento nas reflexões e estudos neurocientíficos de Wolf (2019) acerca da necessidade de preservar o circuito da leitura profunda. Essas ideias de campos distintos são articuladas nesta pesquisa, em vista das possibilidades e desafios que cercam a prática legente na cultura digitalmente influenciada.

METODOLOGIA

A abordagem teórico-analítica é de natureza qualitativa, filiada aos estudos discursivos foucaultianos da linguagem (Foucault, 2008a). O arquivo investigado articula duas frentes materialistas complementares desdobradas de uma pesquisa *stricto sensu*. A primeira abrange o discurso midiático e digital sobre a leitura na plataforma *BookTok*, tomando como

representativa a reportagem da BBC News Brasil assinada por Machado (2024), intitulada *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*. A segunda constitui-se de minivídeos em circulação no *Booktok* entre 2019 e 2024, que replicam as dinâmicas sociais comuns à plataforma.

O procedimento analítico consistiu em fazer passar por um filtro arqueogenealógico as regularidades enunciativas verbais e imagéticas evocadas pela mídia para apreender as posições de sujeito interditadas ou estimuladas (Curcino e Manfrim, 2020). Associou-se a isso o mapeamento das correlações de força, os limites da fala verdadeira (*parresia*) que marcam os minivídeos e os vetores de resistência viabilizados pelo letramento discursivo no espaço escolar.

A partir das análises empreendidas, propôs-se o desenho de práticas pedagógicas voltadas à leitura emancipatória no Ensino Médio. Essas práticas foram materializadas na sequência didática (SD) intitulada *Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador*, desenvolvida como Produto Técnico-Tecnológico Educacional (PTTE) estruturado em oficinas temáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise discursiva do arquivo revela uma acumulação de positividades numericamente justificadas e socialmente aceitas, que fazem do *BookTok* um balão de ensaio para as mudanças em curso na leitura. Enunciados que evocam termos superlativos, como "bilhões de visualizações" e "milhões de exemplares vendidos", funcionam como garantias unívocas de valor no ecossistema digital (Machado, 2024). Contudo, ao direcionar o olhar para além da universalidade numérica e de sua garantia de valor, constata-se no funcionamento discursivo a regulação da subjetividade leitora operada pela lógica algorítmica. O filtro interno da plataforma, dotado de rolagem infinita e viés confirmatório, tende a moldar o gosto literário, colonizando-o em bolhas de consumo passivo de conteúdos homogeneizados.

A pesquisa evidenciou um protocolo de representação cênica da prática leitora centrado no leitor visível e no livro como o seu ornamento simbólico (Curcino e Manfrim, 2020). Essa evidência é reforçada pelo deslocamento do espaço público da leitura para o ambiente privado, movimento que compõe o aprisionamento da autoridade simbólica do livro

à estética do consumo espetacularizado. Em regra, as marcas textuais e imagéticas acionadas na discursivização midiática para ilustrar o sucesso da plataforma recorrem a representações idealizadas de jovens mulheres brancas e suas práticas leitoras, enquanto ao corpo negro é destinada a representação marginalizada de leitor tardio.

Aplicado o recorte de gênero, a análise também evidenciou a histórica divisão cultural que lega aos públicos masculino e feminino interesses distintos quanto à leitura. Refletindo aquilo que se nota no ambiente da plataforma, o mercado editorial e a mídia atribuem à comunidade *BookTok* uma feição eminentemente feminina, espelho de uma prática consensualmente associada a esse gênero. Assim, o fator feminino surge como explicação possível para a prevalência de romances jovens-adultos, marcados por enredos uniformizados e fórmulas replicáveis, resultantes da leitura algorítmica dos interesses majoritários desse público. Perpetua-se, com isso, a longeva determinação discursiva que destina às mulheres o papel de leitoras de textos de fruição, enquanto é silenciado o necessário debate sobre as distâncias materiais e imateriais que separam muitos jovens da leitura (Curcino e Manfrim, 2020).

A investigação dos minivídeos que modelizam a performance dos chamados *booktokers* evidenciou, ainda, possibilidades e limites da *parresia* no ambiente virtual (Foucault, 2010). Em suas ações com o livro, os criadores de conteúdo mobilizam o corpo para gerar um pacto de confiança com a audiência. A performance é sob demanda, marcada por um deslocamento discursivo do *ethos* para o *pathos,* afetando a emoção antes da razão. Na discursivização desse acontecimento sinérgico, a mídia evoca reiteradamente dois sentidos principais: autenticidade e paixão. No entanto, a autenticidade no ambiente digital parece continuamente assediada pelas coerções da indústria cultural, de maneira que a abertura ao risco inerente à *parresia* é menos preenchida pela coragem de dizer a verdade e mais pelo temor do ostracismo involuntário, sob a forma de cancelamento ou perda de engajamento algorítmico.

Em outro desdobramento, verificou-se que obras de densidade crítica e teor politizado recebem, em regra, menos atenção, tempo e espaço quando comparadas a romances de entretenimento comercial. Há, contudo, ações com o livro que se traduzem em momentos de mobilização coletiva, por exemplo, frente a atos de censura institucionalizada de obras literárias – casos em que os minivídeos emulam efeitos parresiásticos legítimos, convertendo

o espaço digital em arena de debate ético-político.

Ademais, a pesquisa indica que esse leitor em constituição enfrenta o descompasso entre as práticas de leitura desinteressadas do extramuro e as rotinas curriculares interessadas da escola. Buscando ocupar essa lacuna e reconhecendo que os jovens estudantes possuem repertórios estruturados pelas multimodalidades, o PTTE resultante foi pensado para oferecer um caminho de conciliação temperante.

A SD simula e escolariza o contato com esses novos gêneros híbridos e as dinâmicas sociais de leitura a eles ligadas. As atividades estão distribuídas nas oficinas *Ler é Resistir*, *Ler é Ressignificar* e *Ler é Transformar*, as quais têm por base o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. Como projeto de leitura para um ano letivo, busca-se instigar o educando a assumir a posição de sujeito, autor e intérprete do próprio discurso (Foucault, 2008b, 2010; Curcino e Manfrim, 2020). No desenho pedagógico adotado, o texto multimodal atua como uma dobradiça semiótica entre os interesses escolares e as dinâmicas sociais de leitura da cultura digital. Atua-se, portanto, no reconhecimento e na incorporação das características do leitor em fluxo e na educação do olhar para a leitura profunda, discursiva e emancipatória, independentemente do suporte (Freire, 2014; Foucault, 2010; Wolf, 2019).

CONCLUSÕES

A imersão nas materialidades discursivas pesquisadas permitiu compreender que os discursos sobre a leitura na contemporaneidade não escapam aos regimes de verdade impostos pela sociedade do espetáculo e pela governamentalidade neoliberal (Foucault, 2008b; Debord, 1997). A construção de uma estética do leitor visível pela mídia ressoa discursos sedimentados e o funcionamento algorítmico na modulação da subjetividade leitora, sob a insuspeita bandeira da promoção da leitura.

Frente às possibilidades e desafios levantados, a escola reafirma sua função política como lugar de formação leitora. A articulação teórica e pedagógica operada pelas oficinas de letramento multimodal demonstra a viabilidade da escolarização de recursos da linguagem das telas para, beneficiando-se de suas possibilidades, subverter a tendência generalizada à superficialidade. Ao promover o equilíbrio temperante entre a cultura impressa e a digital, a mediação docente qualificada avança rumo à apropriação da leitura discursiva como equipagem de si (Foucault, 2010), como condição de possibilidade para a formação emancipatória do leitor jovem.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2021.

CURCINO, Luzmara; MANFRIM, Renato. O livro na representação cênica da leitura em discursos da mídia. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 224-251, dez. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica:** curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam**.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, Simone. **BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers.** BBC News Brasil, São José do Rio Preto, SP, 16 jan. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo. Acesso em: 13 out. 2024.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital:** os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.